

**Proposta da sessão**

**OS IMPACTOS DA CONTEMPORANEIDADE NO PROCESSO DE  
SUBJETIVAÇÃO DOS INDIVÍDUOS: ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES**

**Coordenadora:** Juliana Araujo Alencar

A relação indivíduo e cultura é uma temática que permeia a Psicanálise desde o seus primórdios. A relevância desta discussão está intimamente ligada à concepção de sujeito da Psicanálise, como aquele que se constitui enquanto um a partir da relação com um outro representante da cultura (Freud, 1930/1981). A teoria freudiana data do final do século XIX, momento em que a economia estava centrada na produção e acumulação (Antunes, 2000), regida por uma moral repressora tanto da Igreja quanto do Estado. Tanto que Freud (1930/1981), ao teorizar o sofrimento humano compreendeu que a sociedade exigia a repressão das pulsões sexuais em uma ordem superior ao necessário para o processo civilizatório, e por essa razão os sujeitos sucumbiam às neuroses (1908/1981).

Em pleno século XXI somos convocados a pensar que sujeito se faz necessário para a manutenção da ordem social vigente, haja vista as mudanças que ocorrem neste curto século. A cultura atual é marcada pela queda da autoridade, perda dos referenciais, aceleração tecnocientífica, exacerbação do individualismo, achatamento da história, excesso informacional (Lyotard, 1950/2008, Dufour, 2003), e a passagem de sociedade produtora para consumidora (Bauman, 1999). Se antes o sujeito era açoitado para reprimir seus impulsos, postergar mais do que o necessário a satisfação de seus desejos, hoje ele é convocado a liberar de forma indiscriminada seus impulsos, tanto libidinosos quanto agressivos (Severiano, 2010). Isso porque, a produção precisa ser escoada e para tanto os indivíduos, agora convertidos a consumidores, não podem pensar sobre a necessidade dos bens de consumo, simplesmente devem consumir imediatamente, sem reflexão alguma (Lasch, 1986; Bauman, 2010). O consumo hoje, não mais se configura como aquisição de bens materiais, evoluímos, se pudemos assim dizer, para o consumo inclusive de identidades (Bauman, 2009). A lógica da descartabilidade imposta pela sociedade do consumo se emprenha em todas as formas de vinculação humana, colocando os indivíduos a equivalência de mercadorias (Severiano, 2010).

Segundo Adorno e Horkheimer (1985), a cultura que serviria de anteparo para os sujeitos ao oferecer elementos simbólicos que dessem suporte à individuação, fora corrompida ao veicular em massa via mídia os bens simbólicos embebidos na

lógica da mercadoria. A mídia veicula os ideais sociais manipulados ideologicamente como sendo os únicos a serem seguidos, ideais apartados da história singular de cada indivíduo. Na condição de massa os indivíduos aderem aos ditames ideológicos buscando para si o ideal de felicidade tão propagandeada nos comerciais de Tv (Bauman, 2009).

Diante de tal panorama como estará a constituição psíquica dos sujeitos? Com o intuito de traçar caminhos que viabilizem pensar sobre o sujeito contemporâneo reunimos estes quatro trabalhos que com olhares diferentes encontram a sua unidade na intenção de contribuir para a compreensão do processo de subjetivação na atualidade tendo como aporte teórico a Psicanálise e a Teoria Crítica da primeira geração da Escola de Frankfurt. Convém apontar que, para traçarmos esses caminhos foi utilizado o procedimento metodológico de pesquisa bibliográfica norteada pelo método interpretativo qualitativo da Pesquisa Qualitativa (Rey, 2005).

Com o trabalho intitulado “*Razão Moderna a Serviço dos Indivíduos: Será?*” Alencar e Caniato propõem a discussão acerca da conversão da Razão em Razão Instrumental (Adorno Horkheimer, 1985) visando compreender as novas modalidades de dominação dos indivíduos e o impacto na capacidade de reflexão (Freud, 1923/2007). A razão convertida em razão instrumental perde a sua dimensão histórica e crítica atuando como mera técnica, eliminando a dimensão reflexiva do processo de dominação da natureza e tornando-se dominação dos próprios homens. Estes ao serem impactados diuturnamente como os elementos simbólicos ideologicamente manipulados (Adorno, 1986) ficam a mercê da verdade histórica que lhes é contada. Freud ao tematizar o inconsciente colocou em xeque o domínio da razão nos sujeitos, afirmando que os mesmos são guiados por forças que lhe são desconhecidas. Contudo, também postulou que apesar de pouco a razão seria a única luz que poderia nortear o sujeito em sua busca pela individuação (1923, 1933). A instância psíquica sede da razão é o Ego, responsável pela mediação mundo externo e mundo interno; seu desenvolvimento decorre do contato com objetos externos que gradualmente vão metabolizando o caldo cultural e introduzindo os indivíduos na ordem simbólica nomeando suas excitações que a princípio são sentidas somente como prazer e desprazer (Freud, 1895 e 1923). A diferenciação/individuação esta intimamente relacionada à capacidade de pensar/refletir dos indivíduos, porque para discriminar o que é ego e não-ego, justamente o pensar consciente é convocado. O indivíduo submetido ao princípio de realidade é o sujeito consciente, que busca na realidade os objetos de satisfação possíveis e inscritos em sua história. No entanto, razão sob o impacto da ordenação econômica perde sua vertente emancipatória de crítica auto

reflexiva para cumprir com os preceitos do capitalismo tardio: a adesão forçada dos indivíduos a sociabilidades esvaziadas de sentido, porém vigorosas em ações irrefletidas de submissão a ordem social vigente.

O trabalho de Lucas e Caniato intitulado “*A Barbárie da Sociedade de Consumo e suas Implicações para a Subjetividade*”, se propõe discutir a dinâmica pulsional dos indivíduos submetidos aos ditames da sociedade de consumo. Segundo as autoras, os indivíduos encontram-se engolfados em uma cultura que não favorece a sublimação dos instintos. A ideologia é entendida como violência simbólica, pois extirpa dos indivíduos os elementos simbólicos que possibilitariam a singularização. Diante dessa violência perpetrada tanto pelo Estado quanto pela mídia, de acordo com as autoras, é o elemento fundamental para a derrocada da capacidade de reflexão. Impossibilitado de simbolizar e refletir o indivíduo fica a mercê dos instintos de morte. Esse instinto é responsável pela separação de conexões, destruindo as instâncias psíquicas simbólicas (ego) e não simbólicas (corpo). No entanto, o instinto de morte é amalgamado com o instinto de vida, Eros, que tem por função a união e a autopreservação do indivíduo, esses instintos podem variar em suas quantidades, pois se o instinto de morte ao atuar de sem estar amalgamado a Eros, significaria a morte do indivíduo e só sob o funcionamento de Eros não haveria individuação. Este equilíbrio seria sustentado pela internalização dos bens culturais que serviriam de suporte simbólico, contudo o que se percebe na atualidade são indivíduos sob o impacto da violência simbólica ficando imobilizados psiquicamente, a reboque do instinto de morte.

Por fim, Abeche e Silva lançam seus olhares para uma fase do desenvolvimento muito significativa em possibilidades de mudanças: a adolescência. Sob o título “*Adolescência e Violência Simbólica: As Consequências da Barbárie para a Construção das Identidades Contemporâneas*” discutem a formação da identidade de jovens pauperizados. Ao se pensar a adolescência como a fase de transição entre a infância e a ascensão para a fase adulta, temos que reconhecer que este período é marcado por intensas mudanças principalmente no que tange a busca por novos ideais como respaldo para construir esta nova identidade. Buscando compreender o processo de singularização dos jovens pobres, as mesmas afirmam que estes vivem sob o impacto da violência simbólica, tal conceito diz respeito a uma relação de dominação mantida por princípios ideológicos, que partem de primícias cristalizadas e preconceituosas colocados sob uma classe ou grupo de pessoas, que é legitimada pela conivência da sociedade entendendo tal mecanismo como “natural”. A violência simbólica, de acordo com as autoras, transformam o algoz em vítima, e

aquele que a sofre em um perigoso em potencial. Coimbra (2001) aponta que a ideologia mantenedora desta violência tem como principal “bode expiatório” a classe pobre, imputando a eles a culpa pelas tragédias sociais, justificando assim uma possível higienização de tal classe.

### **Referências**

Adorno, T. W. (1986). A indústria cultural. In: Cohn, Gabriel (Org.); Fernandes, Florestan (Coord.). *Sociologia*. (pp. 92-99). São Paulo: Ática

Adorno, Theodor W; Horkheimer, Max. (1985). O conceito de Esclarecimento. In \_\_\_\_\_. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. (p.19-52). Rio de Janeiro: Jorge Zahar

Antunes, R. (2000). *Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. São Paulo: Cortez; Campinas, editora da UNICAMP.

Bauman, Z. (1999). *Globalização: as conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Bauman, Z. (2009). *A arte da Vida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar

Bauman, Z (2010). *Capitalismo Parasitário*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Coimbra, C. (2001). A mídia produzindo subjetividades. In: \_\_\_\_\_. *Operação Rio: o mito das classes perigosas*. (pp. 29-75). Rio de Janeiro; Oficina do Autor, Niterói: Intertexto.

Dufour, Dany-Robert. (2003). A arte de reduzir as mentes. *Le Monde Diplomatique*. Recuperado em 01 de outubro 2003 no <http://diplo.dreamhosters.com/2003-10,a763.html>

Freud, S. (2003). Projeto para uma Psicologia Científica. In: Gabbi, O.F. *Notas a projeto de uma psicologia: As origens utilitaristas da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago. Originalmente publicado em 1895.

Freud, S. (1981). La moral sexual cultural y la nerviosidad moderna. In \_\_\_\_\_. *Obras Completas*. v.2. Madrid: Biblioteca Nueva. p. 1249-1261. originalmente publicado em 1908.

Freud, S. (1981). El malestar en la cultura. In \_\_\_\_\_. *Obras Completas*. v.3. Madrid: Biblioteca Nueva. p. 3018-3067, originalmente publicado em 1930.

Freud, Sigmund. (2007). O Ego e o Id. In: \_\_\_\_\_. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. v. 3. Rio de Janeiro: Imago. Originalmente publicado em 1923.

Freud, Sigmund. (1981). Lección XXXI – Disección de La Personalidad Psíquica. In: \_\_\_\_\_. *Obras Completas*. v.3. Madrid: Biblioteca Nueva. p.3132-3146. Originalmente publicado em 1933.

Lasch, Christopher (1986) *O mínimo Eu: sobrevivência psíquica em tempos difíceis*. São Paulo: Editora Brasiliense.

Lyotard, J.F. (2008) *A Condição pós-moderna*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Jose Olympio. Originalmente publicado em 1950.

Severiano, M.F.V. (2010). “Lógica do mercado” e “lógica do desejo”: reflexões críticas sobre a sociedade de consumo contemporânea a partir da Escola de Frankfurt. In. Soares, J. C. (orgs). *Escola de Frankfurt: inquietudes da razão e da emoção*. Rio de Janeiro: Ed. Uerj.

**Apresentação 1**

**ADOLESCÊNCIA E VIOLÊNCIA SIMBÓLICA: AS CONSEQUÊNCIAS DA  
BARBÁRIE PARA A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES  
CONTEMPORÂNEAS**

Regina Perez Christofolli Abeche

Lorena Maria da Silva\*

A adolescência é comumente vista na contemporaneidade como uma fase crítica do desenvolvimento do indivíduo, por serem considerados por muitos desobedientes e rebeldes. Levisky (1995) aponta que a adolescência representa um momento intermediário entre a fase infantil e a vida adulta, sendo que a mesma representa uma revolução biopsicossocial. Revolução esta, que apresenta mudanças biológicas, psicológicas e comportamentais, sendo as mesmas resultadas da puberdade, da cultura e sociedade na qual este adolescente está inserido.

Aberastury e knobel (1981) apontam que o período da adolescência é marcado por três diferentes perdas: a perda do corpo infantil, no qual tal adolescente recusa-se aceitar o novo papel que a puberdade lhe impôs e as modificações corporais que agora delimitam seu sexo; a perda dos pais infantis, entendendo que a mesma é marcada pelo paulatino abandono da dependência destes pais e da idealização dos mesmos; e por fim a perda da identidade infantil, ou seja, o adolescente sofre o que os autores apontam como fracasso de personificação, pois o mesmo não pode continuar com seu papel infantil, entretanto, ainda não é considerado um adulto, apesar das expectativas sociais em torno disso.

Diante de tais perdas, o adolescente procura por novos ideais que lhe darão respaldo para construir sua identidade, considerando as múltiplas mudanças até então ocorridas. Mas como se formaria tal identidade se pensássemos que este adolescente ansioso por tornar-se pertencente ao rol dos adultos, estivesse imerso em uma cultura onde a violência apresenta-se velada, exercendo forte influência sobre os mesmos? (FREIRE COSTA, 2003).

A partir de Rosendo (2009) denominamos de violência simbólica, esta que se legitima por traz de discursos de proteção e benfeitorias. Mais especificamente, Rosendo (2009) a define como “toda a violência que é capaz de dissimular as relações de força existentes dentro da mesma”, ou seja, tal conceito diz respeito a uma relação de dominação mantida por princípios ideológicos, que partem de primícias cristalizadas e preconceituosas colocados sob uma classe ou grupo de pessoas, que é

legitimada pela convivência da sociedade entendendo tal mecanismo como “natural”. A violência simbólica transforma o algoz em vítima, e aquele que a sofre em um perigoso em potencial.

Coimbra (2001) aponta que a ideologia mantenedora desta violência tem como principal “bode expiatório” a classe pobre. No que se refere a população dessa presente pesquisa, a classe de adolescentes e jovens pobres, na mesma é imputada a culpa pelas tragédias sociais, justificando assim uma possível higienização de tal classe. Tal ideologia possui respaldo da Indústria Cultural - termo usado por Adorno e Horkheimer (1985) que descreve o movimento no qual a cultura é engolida pelo mercado – que através dos meios de comunicação produzem e atribuem papéis sociais, delimitando assim quem são aqueles que a sociedade deve temer e quem são, portanto, os mocinhos e vilões da presente “estória” construída, para dissimular a história vivida que denunciaria a violência que se encontra já embutida nestes scripts.

Diante disto, vemos que muitos destes adolescentes que buscam construir uma nova identidade, como já supracitado, acolhem/concordam com a denominação que lhes é dada, procurando agir em coerência com a categorização feita de si. Rodrigues (2000) denomina tal fato de profecia auto-realizadora, o adolescente sob a violência e papel social imposto, agirá de acordo com o padrão que todos esperam. Padrão este já bem definido pelos meios de comunicação e esperado por todos.

Frente aos fatos levantados acima, voltemos ao questionamento já supracitado: como se daria a formação da identidade deste adolescente que encontrasse sob o jugo da violência simbólica? E quais as conseqüências da mesma neste momento que tem como alvo a fase adulta?

Esta violência consuma-se sem o crivo de uma reflexão crítica, portanto, resta-nos a militância através do pensar para que a classe pobre não seja massificada em um único personagem, o vilão, para que este adolescente não se considere o perigoso em potencial de uma sociedade maniqueísta.

Destarte, a presente pesquisa apresenta-se em seu início, portanto, não há resultados ou conclusões acerca do assunto pesquisado.

Ademais, a pesquisa tem como objetivos: oferecer subsídios teóricos que auxiliem os acadêmicos do *“Projeto Phenix: ousadia do renascimento individuo-sujeito, fase III”*, para que os mesmos possam desenvolver a sua escuta, no que se refere, a violência simbólica que perpassa de modo “naturalizado”, auxiliando-os na parte prática, que consiste em intervenção social com os adolescentes de um colégio público na cidade de Maringá.

A mesma possui também o intuito de descrever e analisar as situações vividas e contadas pelos adolescentes que representam a expressão da violência simbólica, e a maneira como esta tem sido reproduzida na escola entre seus pares: adolescentes, adolescentes e professores e adolescentes e direção

E por fim, estabelecer uma relação entre esta violência e as conseqüências da mesma para a construção da identidade dos adolescentes de um colégio público da cidade de Maringá.

O presente trabalho apresenta-se como uma pesquisa de cunho bibliográfico tendo em vista a definição trazida por Cervo & Bervian (1972) no qual os autores afirmam que a mesma tem “o intuito de recolher informações e conhecimentos prévios acerca de um problema para o qual se procura respostas, acerca de uma hipótese que se quer experimentar” (p. 69). Ainda sobre a pesquisa bibliográfica Marconi & Lakatos (2006) asseguram que essa coloca o pesquisador em contato direto com tudo aquilo que já foi produzido sobre determinado assunto, dando por conseqüência, diversos dados, para que o autor da pesquisa examine os materiais disponíveis sob um novo enfoque teórico, chegando assim, a conclusões inovadoras.

A respeito do caráter metodológico desta pesquisa a mesma, ainda, pode ser caracterizada como uma pesquisa participante, já que a pesquisa participante propõe a construção do conhecimento conjuntamente com o grupo a ser pesquisado, dando especial importância as suas vivências e hábitos culturais. Brandão (1988) afirma que a pesquisa participante da voz e vez ao povo, colocando-o não mais em uma posição de mero sujeito de pesquisa, mas como construtor do conhecimento científico. O autor ainda expõe que tal pesquisa só é possível por intermédio da construção de vínculos e da submissão da pesquisa aos saberes do público pesquisado. Isto mostra que atingir uma relação de troca é um dos fundamentos exigidos por este método de pesquisa.

Este estudo configura-se também como uma pesquisa qualitativa, apoiada no conhecimento construtivo-interpretativo, nos moldes da teoria de González Rey (2002), no qual o mesmo considera que o conhecimento não consiste “em uma soma de fatos definidos por constatações imediatas do momento empírico.” (p. 31). Em contrapartida, o conhecimento é construído por seu caráter interpretativo e relacional, no qual o mesmo vê a necessidade de dar sentido às expressões do objeto pesquisado. A abordagem qualitativa volta-se para a elucidação dos complexos processos que constituem a subjetividade, não tendo, portanto, objetivos, tais como, a descrição, o prognóstico e o controle, prezando, portanto, pela narrativa. Tal termo é usado por Benjamin (1994) no qual o autor aponta que a narração proporciona o intercâmbio de

experiências, e que a mesma possui suas raízes no povo e em seus saberes, promovendo assim a construção do conhecimento de maneira relacional.

Tendo em vista que a pesquisa qualitativa repousa sobre a construção do conhecimento por intermédio de uma interpretação a partir de um constructo teórico que já pressupõe uma não neutralidade do pesquisador, a visão de homem abordada na presente pesquisa é amparada por Leontiev (1978) no qual o autor afirma que o homem está ativo e intencionalmente construindo esta cultura e conseqüentemente sendo modificado por ela.

Nosso estudo possui sua base teórica fundamentado na psicanálise freudiana e de autores pós-freudianos, e na Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, em especial, Theodor Adorno e Max Horkheimer.

### **Referências**

Aberastury, A.; Knobel, M. (1981). *Adolescência normal: um enfoque psicanalítico*. (10 ed.). (Suzana Maria Garagoray Ballve, Trad.). Porto Alegre: Artes médicas.

Adorno, T. W.; Horkheimer, M. (1985). A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas. In: \_\_\_\_\_. *Dialética do esclarecimento – fragmentos filosóficos*. (pp. 113-156). (G. A. Almeida, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Benjamin, W. (1994). O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. (pp. 197-221). São Paulo: Brasiliense.

Bourdieu, P.; Passeron, J. C. (2009) *A Reprodução: Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino*. (Recensão de Ana Paula Rosendo). Covilhã: Universidade da Beira Interior.

Brandão, C. R. (1988). Pesquisar – Participar. In: \_\_\_\_\_. *Pesquisa Participante*. (7 ed.). São Paulo: Editora Brasiliense.

Cervo, A. L.; Bervian, P. A. (1972). *Metodologia científica para uso dos estudantes universitários*. São Paulo: Editora McGraw-Hill do Brasil.

Coimbra, C. (2001). A pesquisa. In: \_\_\_\_\_. *Operação Rio: o mito das classes perigosas*. (pp. 17 – 25). Rio de Janeiro: Oficina do Autor, Niterói: Intertexto.

Coimbra, C. (2001). A mídia produzindo subjetividades. In: \_\_\_\_\_. *Operação Rio: o mito das classes perigosas*. (pp. 29-75). Rio de Janeiro; Oficina do Autor, Niterói: Intertexto.

Costa, J. F. (2003). Á guisa de introdução: Por que a violência? Por que a paz? In: \_\_\_\_\_. *Violência e Psicanálise*. (3 ed. pp. 11 -80.). Rio de Janeiro: Edições Graal.

Leontiev, A. (1978). O homem e a cultura. In: \_\_\_\_\_. *O desenvolvimento do psiquismo*. (pp.279-302). Lisboa: Livraria Horizonte.

Levisky, D. L. (1995). *Adolescência: reflexões psicanalíticas*. (pp.15-52). Porto Alegre: Artes Médicas.

Marconi, M. A.; Lakatos, E. M. (2006). *Técnicas de pesquisa*. São Paulo: Editora Atlas.

Pismel, M. C. C. (2010). *A construção/desconstrução da subjetividade a caminho de uma identidade singular*. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil.

González Rey, F. L. (2002). *Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Pioneira Thompson Learning.

Rodrigues A.; Assmar, E. M. L.; Jablonski, B. (2000). *Cognição Social*. In: Rodrigues, A. *Psicologia Social*. (pp. 67-95). Rio de Janeiro: editora vozes.

Rossi, M. V. (2011). *Um olhar sobre o percurso da adolescência a partir de obras de referência da psicologia nas décadas de 1980, 1990 e 2000*. Monografia, Universidade Estadual de Maringá, Paraná, Brasil.

## **Apresentação 2**

### **A BARBÁRIE DA SOCIEDADE DE CONSUMO E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A SUBJETIVIDADE.**

Leticia Brunhani Lucas\*

Angela Maria Pires Caniato

A presente pesquisa apresenta-se como demanda e contribuição ao Projeto de Pesquisa-Intervenção “PHENIX: A Ousadia do Renascimento do Indivíduo-Sujeito – Fase III” do Departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Encontra-se permeada por uma visão de homem, no qual o mesmo é produto e produtor da cultura na qual encontra-se inserido (Leontiev, 2004).

A metodologia norteadora é a Pesquisa Qualitativa de González Rey, na qual a epistemologia é relacionada ao caráter construtivo-interpretativo do conhecimento, esse entendido como produção. Foi realizado a priori um levantamento bibliográfico das obras que abordam a temática a ser estudada, em livros, artigos e teses. Nesse eixo de pensamento o tema, os instintos do indivíduo, será contemplado a partir de que esse homem está situado dentro de um contexto social, que por sua vez, influencia-o - impondo e/ou restringindo os desejos constituintes, portanto, que acarreta conseqüências na construção de subjetividades, tendo em vista sua inserção nessa sociedade denominada de sociedade da barbárie (Löwy, 2001).

O nosso objetivo é verificar quais são as implicações subjetivas para o indivíduo que está imerso nessa atual sociedade excludente. Essa pesquisa esta andamento, assim pode ocorrer mudanças nos resultados.

A sociedade contemporânea tem sido anunciada por vários autores como sociedade do consumismo (Bauman, 2008), e o foco nessa pesquisa será entender o caminho da pulsão de morte nessa sociedade do consumo exagerado, que torna possível a ocorrência de atos bárbaros a favor do capital e dos detentores do poder: o Estado e os seus aparatos de repressão; mais especificamente a polícia e a mídia. Para discutirmos a respeito dessa sociedade contemporânea, será utilizado como suporte Bauman (2008), que a denomina de modernidade-líquida. Segundo Bauman estamos na sociedade do prazer imediato, do consumo exagerado e da descartabilidade tanto das mercadorias como dos indivíduos (Bauman, 2008). Nessa atual sociedade mercadológica, não há a valorização de relações humanas e os seres humanos acabam se tornando mercadorias. Nessa lógica do consumo, que se instaurou, os indivíduos precisam sempre estar insatisfeitos para comprar mais e acreditando que comprando

mais mercadorias serão “felizes” ou “curarão” as suas tristezas, o que seria uma suposta felicidade. Nesse contexto quem não tem o dinheiro suficiente para consumir tudo o que o mercado impõe, é excluído e marginalizado dessa sociedade. São os considerados os “consumidores falhos” (Bauman, 2008 p.75) que devem ser retirados do campo de visão de todos. Dessa forma se autoriza os atos de barbárie do Estado, principalmente, contra essas populações que não podem consumir.

O termo barbárie é visto por Löwy (2001), abrangendo dois significados: “falta de civilização” e “crueldade de bárbaro”, e anuncia o século XX como o da “barbárie civilizada”, uma barbárie mascarada, conduzida por impérios coloniais economicamente mais avançados. O autor ainda afirma que Norbert Elias ratificou que a violência é monopolizada e centralizada pelo Estado, portanto não é mais exercida de maneira irracional e emocional através dos indivíduos. Assim, durante o século XX, houveram, consentidos pelo Estado capitalista, atos de barbárie mais extensos e sistemáticos, na medida em que a palavra “bárbaro” encontra-se atrelado à crueldade e atos desumanos. Löwy (2001) relata que para Karl Marx as práticas destruidoras são decorrentes da necessidade de manter o acúmulo de capital (lucro). Em relação a isso, a escola de Frankfurt utiliza o seguinte dizer, que se aproxima do pensamento de Marx: “a barbárie reapareceu, mas desta vez ela é engendrada no próprio seio da civilização e é parte integrante dela. É a barbárie leprosa, a barbárie como lepra da civilização” (Löwy, 2001, p. 2). Portanto, as tecnologias modernas e bastante avançadas, são utilizadas por uma política imperialista de massacre e agressão constantemente.

Para o exercício da barbárie da sociedade capitalista consumista se faz necessário a utilização de uma ideologia, objetivando que os indivíduos percam a capacidade de reflexão e não resistam a sua imposição, apenas reproduza-a. Dessa forma, Adorno e Horkheimer na *Dialética do Esclarecimento* (1947), anunciam o conceito de Indústria Cultural, que evidencia o modo de reprodução de uma ideologia, que apresenta como resultado uma cultura mercantilizada, em uma lógica conformista, e repetitiva. Portanto, a indústria cultural, retroalimenta um consumo, ou seja: cria-se a necessidade de determinado produto, e o consumismo dos indivíduos a mantém (Cohn, 1986).

Dessa forma, o espírito humano é insuflado por uma voz de outro “senhor”, a saber: o capital, que por sua vez incita ao consumismo exagerado na lógica do imediatismo. Esse imediatismo impede que os indivíduos vejam o processo dos acontecimentos sociais, tornando-os meros objetos dessa lógica. O indivíduo se aliena

nesse processo (a) histórico, no entanto, é uma alienação em que o indivíduo é também cúmplice, retificando o poder da indústria cultural (Cohn, 1986).

Há uma articulação entre a teoria crítica e a psicanálise, pois, o conceito de indústria cultural opera, também, no nível inconsciente, fazendo com que as funções egóicas conscientes, de crítica e reflexão sejam desconsideradas, favorecendo uma regressão instintual/pulsional do indivíduo, constituindo-se assim o que pode ser denominado como citado por Lowy (2001) de barbárie civilizada.

Ao se falar em regressão instintual, pode-se pensar no conceito de Freud (1996a) de instinto de morte, na qual tem como meta fazer com que o indivíduo volte ao seu estado inorgânico. Enquanto o instinto de morte é responsável pela separação de conexões, destruição das instâncias psíquicas simbólicas (ego) e não simbólicas (corpo), o instinto de vida, Eros, tem por função a união e a auto-preservação do indivíduo. No dizer de Freud (1996a) o instinto de morte e o instinto de vida encontram amalgamados, pois se o instinto de morte for exclusivo, significaria a morte do indivíduo. Especificamente, o instinto de morte opera internamente e silenciosamente e chama a atenção quando é externalizado, caracterizando-se como agressividade. Tal externalização encontra-se como essencial à preservação, para defesa, do indivíduo através das ações do aparelho muscular (Freud, 1996d).

Deste modo, o instinto de morte pode ter alguns caminhos, descreveremos três possibilidades. A primeira é o instinto de morte fusionado ao de vida, ocasionando um equilíbrio entre eles. A segunda é uma parte desse instinto de morte - a agressividade - que é desviada para o mundo externo caracterizando-se como autopreservação. Por fim, a terceira é a autopunição. Na diferenciação do ego, constituiu-se o superego, que por sua severidade pode esmagar o ego, causando sofrimento. Quanto maior a inclinação do indivíduo de atender seus ideais de eu, que estaria em consonância com o viver em civilização, mas esse indivíduo teria que controlar sua agressividade, o que faz com que o super-ego para atender os ideais de eu, volte sua agressividade contra o seu próprio eu (Freud, 1996b).

Há situações, ainda, onde a sociedade restringe a ação agressiva que estaria a serviço da autopreservação do indivíduo, o que repercutira em um aumento da autodestruição, pois não podendo externalizar a sua agressão ocorre a internalização da mesma, ou seja, a agressividade se volta em direção ao próprio ego. Em outras palavras, o que acontece no indivíduo para tornar inofensivo seu desejo de agressão é a internalização da mesma, ou seja, a agressividade se volta no sentido do seu próprio ego. Neste momento, uma parte do ego - o superego - em forma de consciência moral, desloca para o ego essa mesma agressividade.

Finalmente será aberto um diálogo entre sociedade de consumo e barbárie.

As renúncias instintuais do indivíduo começaram desde o pacto edípico, na qual o menino teve que abdicar de seus desejos incestuosos pela mãe e parricidas pelo pai, sendo retribuído com o amor dos pais e com uma filiação que permitirá que esse indivíduo se torne civilizado, constituindo-se assim um pacto social.

Estar em consonância com os ditames restritivos da sociedade implica, portanto, na repressão ou supressão de instintos sexuais e agressivos, em outras palavras em troca das renúncias instintivas do ser humano a sociedade teria que oferecer como contrapartida as condições mínimas de sobrevivência. No entanto, se esse pacto social for rompido, se a sociedade quebrar este pacto, os indivíduos voltarão seus instintos contra a própria sociedade (Pellegrino, 1987).

Se houver a quebra desse pacto social pode-se pensar em duas manifestações do instinto de morte. A primeira é o indivíduo utilizar a sua agressividade externalizando-a como uma forma de autopreservação, no sentido revolucionário para romper com essa quebra de pacto social que desrespeita o ser humano. A segunda, o indivíduo irá internalizar essa violência feita contra ele, voltando à agressividade para o seu próprio ego, ocasionando uma autopunição.

Visto que estamos inseridos em uma cultura capitalista, e presenciamos atos de barbárie em uma via de mão dupla indivíduo-cultura, pode-se supor a instalação de um trauma no psiquismo humano, diante da violência simbólica efetivada pela indústria cultural, que também se manifesta num emaranhado excessivo de informação via mídia.

Esse indivíduo massacrado, não consegue elaborar e tomar atitudes protetoras, sendo a sociedade fomentadora do sentimento de culpabilidade.

A partir de um dizer de Adorno em relação à indústria cultural “Uma das principais observações é de que a indústria cultural não sublima, mas sim reprime” (Adorno, citado por Pucci e outros), levantamos a hipótese de que apesar do indivíduo poder defender-se atacando, à imobilização psíquica predomina e o indivíduo mantém-se à reboque do instinto de morte. Nessa relação desigual a mais repressão instintiva desloca, as forças de simbolização egoica protetora, para seu retorno ao inconsciente, e o indivíduo não tem a possibilidade de expressar esses instintos agressivos e sexuais, e nem de sublimá-los. O indivíduo então pode incidir na internalização dessa violência e preconceito enquanto classe marginalizada, se autopunindo inconscientemente.

Por conseqüência perante tal situação o indivíduo reproduz essa violência na sociedade, através de atos bárbaros, que são produtos de sua identificação com os

modelos proposto pela indústria cultural e, não, de preservação de si e de seus pares, como forma de serem punidos concretamente (Freud, 1996a).

### **Referências**

Adorno, T. W. Horkheimer, M. Indústria Cultural: O Esclarecimento como Mistificação das Massas. In T. Adorno, M. Horkheimer. *Dialética do Esclarecimento – Fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

Bauman, Z.(2008) *Vida para consumo: A transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Zahar ed.

Cohn, G.(1986) Adorno e a teoria crítica da sociedade. In G. Cohn. *Grandes Cientistas Sociais*. São Paulo: Editora Ática.

Freud, S. (1996a). Além do princípio do prazer. In S. Freud *Além do Princípio de Prazer, Psicologia de Grupo e outros trabalhos*.(Vol.XVIII) Rio de Janeiro: ed. Imago. (pp. 13-75). (Trabalho originalmente publicado em 1920)

Freud, S. (1996b). O Ego e o Id e outros trabalhos. In S. Freud. *Obras Completas* (Vol. XIX). Rio de Janeiro: Imago. (pp 27-77). (Trabalho Originalmente publicado em 1923)

Freud, S. (1996c). O mal-estar na civilização. In: S. Freud.*O Futuro de uma ilusão, Mal-estar na civilização e outros trabalhos*.(VolXXI). Rio de Janeiro: ed. Imago.(pp. 67- 148). (Trabalho originalmente publicado em 1930)

Freud, S. (1996d) A mente e o seu funcionamento. In S. Freud. *Moisés e o Monoteísmo, Esboço de Psicanálise e outros trabalhos* (Vol XXIII). Rio de Janeiro: Imago. (pp. 157-179) (Trabalho originalmente publicado em 1939)

Freud, S. (1996e). Rendimento teórico. In: S. Freud. *Moisés e o Monoteísmo, Esboço de Psicanálise e outros trabalhos*. (Vol. XXIII). Rio de Janeiro: Imago (pp. 209-219).(Trabalho originalmente publicado em 1939).

Leontiev, A.(2004) *O desenvolvimento do psiquismo*. São Paulo: Centauro.

Löwy, M. Fórum Social Mundial, 2001. Biblioteca das Alternativa, publicado no Brasil pelo jornal Em Tempo ([emtempo@ax.apc.org](mailto:emtempo@ax.apc.org)) e originalmente em Frances, na revista critique Communiste n 157, hiver 2000

Zuin, A. A. S; Pucci, B; Oliveira, Ramos de. N.(2008) *Adorno: o poder educativo do pensamento crítico*. Petrópolis, RJ: Vozes.

### **Apresentação 3**

#### **RAZÃO MODERNA A SERVIÇO DOS INDIVÍDUOS: SERÁ?**

Juliana da Silva Araújo Alencar\*

Angela Maria Pires Caniato

O presente trabalho problematiza a relação indivíduo cultura tendo como aporte teórico a Psicanálise da escola Freudiana e a Teoria Crítica da sociedade nos autores da primeira fase da Escola de Frankfurt: Adorno e Horkheimer. O referencial teórico escolhido para analisar as formas de subjetivação dos indivíduos na atualidade evidencia uma concepção histórica do homem, entendendo que os indivíduos se apropriam das produções objetivas da cultura como também as produz marcando o universal com o particular e vice e versa. (Freud, 1938/1981). Por esta razão, justifica-se analisar as possíveis implicações na subjetividade dos indivíduos a partir das injunções culturais de um determinado tempo histórico. Tendo isto posto, propomos analisar a partir de alguns elementos do contexto cultural hodierno as possíveis implicações no processo de individuação, enfatizando a capacidade reflexiva, dos indivíduos.

Para Dufour (2003), na contemporaneidade assistimos a derrocada do duplo sujeito que surgiu na modernidade: o sujeito crítico Kantiano e o sujeito neurótico Freudiano. O primeiro sujeito era o de que norteado por sua razão alçaria a condição de ser autônomo (Kant, 1784/2011). O segundo estabeleceria uma troca: a satisfação irrestrita pela segurança trazida pelos vínculos amorosos estáveis (Freud, 1930/1981). A dupla queda proposta por Dufour tem sua origem marcada pela necessidade mercadológica criada a partir da Revolução Industrial, pois a partir da produção em massa houve a necessidade de distribuir também nesta escala os bens produzidos (Adorno e Horkheimer, 1985).

A cultura de consumo em massa é definida por Retondar (2008) como, antes de mais nada, pelo desejo socialmente difundido e expandido da aquisição do supérfluo, do excedente, mesmo do luxo. Outro aspecto gritante é a insaciabilidade, no qual a necessidade satisfeita no consumo gera automaticamente outra em um ciclo inesgotável. O ato final do consumista é o próprio desejo de consumo. Essa lógica fora difundida a partir de mudanças estruturais ocorridas no século XVIII na Europa ocidental, principalmente com a Revolução Industrial, e acelerou radicalmente a partir da década de 50 do século passado. Isso porque, o consumo tornou-se o motor do desenvolvimento econômico e o consumismo “[...] erigiu-se como elemento de

mediação de novas relações e processo que se estabelecem no plano cultural das sociedades modernas” (Retondar, 2008, p138).

Adorno (1986a) ao analisar as formas de dominação do homem sob o primado da razão instrumental, evidenciou que para a manutenção da ordem social vigente é necessário a supremacia da lógica da mercadoria sobre as relações humanas e sua realização deve ser de forma a capturar os homens no que esses tem de mais íntimo: o desejo. Segundo Caniato (2009) os indivíduos sucumbem por serem tomados facilmente em devido à permeabilidade psíquica constitucional. Esta permite que os indivíduos sejam atingidos/preenchidos em seus inconscientes por conteúdos que não encontram a barreira protetora de um ego atuante capaz de realizar sua função de avaliar/ discernir/ refletir.

As necessidades mercadológicas criadas - apartadas do vínculo humano que possibilitaria circulação libidinal entre indivíduos – são oferecidas/impostas via sistemas ideológicos veiculados pelos meios de comunicação de massa, garantindo assim, administrar globalmente os seus consumidores (Costa, 2009). Os objetos perdem seu valor em si e ganham um banho glamourizado pela indústria cultural (Adorno 1986b) e assim passam a ser compreendidos como valores simbólicos construídos e veiculados como única forma de inserção na sociedade administrada. De acordo com Cohn (1986), a ideologia veiculada via mídia torna-se a própria verdade, impedindo os indivíduos de terem acesso aos elementos necessários para acionar suas estruturas mentais superiores. O indivíduo da atualidade aceita o produto da indústria cultural como fato acabado em si, não refletindo sobre os objetos/informações assimilando e atuando sem crivo algum, somente reproduzindo de forma compulsiva o que lhe imposto.

A pronta adesão dos indivíduos aos produtos oferecidos via mídia como sustentáculos afetivos evidencia a fragilidade do ego na contemporaneidade. Segundo Freud (1923/2007), cabe ao Eu a função de submeter a um critério rigoroso os objetos como também a via de satisfação, ou seja, atuando sob o princípio de realidade. A função discriminatória aciona os resíduos mnêmicos da experiência e por meio do pensar, liga os investimentos nas representações, selecionando o melhor objeto de satisfação para as necessidades humanas. Destarte, seria então a edificação do ego que viabilizaria o desenvolvimento da razão, que por sua vez permitiria que o indivíduo examinar a realidade com atenção, memória e discernimento. O indivíduo submetido ao princípio de realidade é o sujeito consciente, que busca na realidade os objetos de satisfação possíveis e inscritos em sua história (Crocco, 2007).

No entanto, os indivíduos, na atualidade, são convocados à **busca desenfreada e imediata da satisfação nos objetos/mercadorias manipulados**, sendo que esses tem objetivo claro: sustentar o *status quo* (Severiano, 2010). Entendemos, então, que os indivíduos não estão exercendo sua função discriminatória em prol de si mesmos, ou seja, discriminando os objetos adequados para sua satisfação ligados por sua história de vida singular; mas sim, vivendo no engodo de uma autonomia pretensamente a ele atribuída, pela qual tem o direito de “escolha”. Essa escolha consistiria em determinar se compraria objeto A ou objeto B que na realidade não satisfaria a suas necessidades individuais. Em outras palavras: o seu direito de escolha está em prol duma lógica da mercadoria, e assim, os indivíduos estariam aderindo de forma alheia qualquer objeto fornecido via mídia que lhe garantisse uma promessa de satisfação, mesmo que enganosa (Severiano, 2010). Os indivíduos contemporâneos estão aprisionados a violência simbólica da sociedade da mercadoria (Lasch, 1986), pois são seduzidos e levados a se manterem na “ignorância” da indiscriminação de objetos; assim investindo sua libido em objetos/mercadorias que não viabilizam a troca libidinal necessária para o progressivo fortalecimento do ego, instância guardiã dos processos secundários.

O desenvolvimento da razão que levaria o sujeito confrontar o que lhe é posto e assumir suas falhas e faltas fora convertida em razão instrumental, ou seja, em técnica e passou a ser a norma social vigente, sustentáculo da sociedade do consumo. Segundo Dufour (2003), o desenvolvimento pleno da razão instrumental implica necessariamente num déficit da razão pura proposta por Kant. Assim, “a faculdade de julgar a priori o que é verdadeiro ou falso, e até o que é o bem ou o mal” (p. 1) é sucateada, com o objetivo de subjugar os homens aos interesses socioeconômicos de uma minoria, ou seja, na contemporaneidade, o capitalismo passa agora a uma nova modalidade de dominação: a redução da mente dos indivíduos. Logo, a razão sob o impacto da ordenação econômica perde sua vertente emancipatória de crítica auto reflexiva para cumprir com os preceitos do capitalismo tardio: a adesão forçada dos indivíduos a sociabilidades esvaziadas de sentido, porém vigorosas em ações irrefletidas de submissão a ordem social vigente.

### **Referências**

Adorno, Theodor W; Horkheimer, Max. (1985). O conceito de Esclarecimento. In \_\_\_\_\_. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. (p.19-52). Rio de Janeiro: Jorge Zahar

Adorno, T. W. (1986a). Capitalismo Tardio ou sociedade industrial?. In Cohn, Gabriel (Org.); Fernandes, Florestan (Coord.). *Sociologia*. (pp. 62-75). São Paulo: Ática.

Adorno, T. W. (1986b). A indústria cultural. In: Cohn, Gabriel (Org.); Fernandes, Florestan (Coord.). *Sociologia*. (pp. 92-99). São Paulo: Ática

Caniato, A. M. (2009). Os (des) caminhos na Psicanálise: a busca de compreensão da subjetividade e de seu sofrimento na contemporaneidade. In. *A constituição do sujeito e a historicidade*. Campinas: Alínea.

Cohn, Gabriel. (1986). Introdução: Adorno e a teoria crítica da sociedade. In: Cohn, Gabriel (Org.); Fernandes, Florestan (Coord.). *Sociologia*. 7-30. São Paulo: Ática (Grandes Cientistas Sociais, 54).

Costa, B. C. G. (2009). Tecnologias e Sensibilidade: homes e máquinas na sociedade global. In: Pucci, B., Almeida, J., Lastória, L.A.C.N. *Experiência Formativa e Emancipação*. São Paulo: Nankin.

Crocco, F. L. (2007). Estudo crítico sobre a transformacao da ideologia e da subjetividade. *AdVerbum* , 47-59.

Dufour, Dany-Robert. (2003). A arte de reduzir as mentes. *Le Monde Diplomatique*. Recuperado em 01 de outubro 2003 no <http://diplo.dreamhosters.com/2003-10,a763.html>

Freud, Sigmund. (2007). O Ego e o Id. In: \_\_\_\_\_. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. v. 3. Rio de Janeiro: Imago. Originalmente publicado em 1923.

Freud, S. (1981). El malestar en la cultura. In \_\_\_\_\_. *Obras Completas*. v.3. Madrid: Biblioteca Nueva. p. 3018-3067, originalmente publicado em 1930.

Freud, S. (1981). Compendio Del Psicoanálisis. In \_\_\_\_\_. *Obras Completas*. v.3. Madrid: Biblioteca Nueva. p. 3379-3418, originalmente publicado em 1938.

Kant, I. (2011). Resposta à Pergunta: Que é esclarecimento. Recuperado em 10 de agosto de 2011 em <http://www.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/b47.pdf> originalmente publicado em 1794.

Lasch, Christopher (1986) *O mínimo Eu: sobrevivência psíquica em tempos difíceis*. São Paulo: Editora Brasiliense.

Retondar, A. M. (2007/ jan-abr.). A (re)construção do indivíduo: a sociedade de consumo como “contexto social” de produção de subjetividades . *Sociedade e Estado*. Brasília, 23, n. 1, p. 137-160,

Severiano, M.F.V. (2010). “Lógica do mercado” e “lógica do desejo”: reflexões críticas sobre a sociedade de consumo contemporânea a partir da Escola de

Frankfurt. In. Soares, J. C. (orgs). *Escola de Frankfurt: inquietudes da razão e da emoção*. Rio de Janeiro: Ed. Uerj.